



Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons 4.0. Com essa licença você pode compartilhar e/ou adaptar o material para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indique se foram feitas alterações.

ARTIGO

Colcha de memórias: cartografias e linhas de fuga de uma narrativa sobre a sexualidade lésbica

Luna Carulina Mendes Filgueiras

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2210-8202>

Domenico Uhng Hur

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6766-7024>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21890583>

Resumo:

A visibilidade lésbica é referida enquanto fenômeno complexo que envolve classe, raça e gênero, relacionados à hegemonia do padrão cisgênero e heterossexual na cultura, na política e na economia. Partindo deste cenário, o objetivo do ensaio é refletir sobre a construção de subjetividades de mulheres LBT em um estado conhecido como celeiro do agronegócio brasileiro, pela narrativa de si. Busca-se revelar os conflitos inerentes ao processo de autorrevelação da sexualidade e provocar reflexões acerca das problemáticas sociais vivenciadas pela comunidade LBT a partir de conceitos da esquizoanálise. O texto propõe uma narrativa de cunho autobiográfico. Se utiliza da perspectiva da cartografia sentimental (Rolnik, 2016) enquanto proposta metodológica, anovelada com o formato automitobiográfico de Audre Lorde (2021), e teorias de gênero e sexualidade. Há a construção de uma personagem lésbica em seus processos de transformação e movimento de vida, que dá vazão à linhas de fuga, práticas e políticas de libertação do desejo.

Palavras-chave: Lesbianidade; Visibilidade; Cartografia-sentimental; Biografia; Esquizoanálise.

A quilt of memories: cartographies and lines of flight in a narrative about lesbian sexuality

Abstract:

Lesbian visibility is referred to as a complex phenomenon involving class, race and gender, related to the hegemony of the cisgender and heterosexual standard in culture, politics and economy. The aim of this essay is to reflect on the construction of LBT women's subjectivities in a state known as the breadbasket of Brazilian agribusiness, through the narrative of the self. It seeks to reveal the conflicts inherent in the process of self-revelation of sexuality and to provoke reflection on the social problems experienced by the LBT community with concepts of schizoanalysis. The text proposes an autobiographical narrative. It uses the perspective of sentimental cartography (Rolnik, 2016) as a methodological proposal, combined with Audre Lorde's (2021) autobiographical format, and theories of gender and sexuality. There is the construction of a lesbian character in her processes of transformation and life movement, which gives rise to lines of flight, practices and politics of liberation of desire.

Keywords: Lesbianity; Visibility; Sentimental Cartography; Biography; Schizoanalysis.

Introdução

Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos (FREIRE, 1993, p. 79).

Há um consenso entre os estudos de gênero e sexualidade sobre a invisibilidade histórica relacionada às especificidades das experiências sexuais das mulheres lésbicas e bissexuais (Carvalho, Calderaro & Sousa, 2013). Mesmo entre os movimentos sociais que levantaram a bandeira homossexual, as discussões específicas envolvendo a homossexualidade feminina não tiveram força para mudar as relações de poder no interior de seus grupos, para adquirir assim maior visibilidade. De acordo com documento sobre saúde mental LGBT, do Ministério da Saúde, "(...) essa situação favoreceu a manutenção da invisibilidade política de lésbicas e mulheres bissexuais" (BRASIL, 2010, p. 10). Outro documento oficial que aborda a temática sáfica se trata do primeiro dossiê detalhado sobre a saúde de mulheres lésbicas, publicado somente em 2006 pela Rede Feminista de Saúde, que relaciona os problemas de saúde de mulheres lésbicas justamente à invisibilidade social, "(...) pois tal apagamento levaria a uma indeterminação acerca dos atendimentos e necessidades de saúde desta população"

(CARVALHO, CALDERARO & SOUSA, 2013, p. 116). Assim, percebe-se que os fatores de risco de mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais (LBT) se relacionam justamente à invisibilidade de suas pautas, tanto socialmente quanto politicamente.

Contudo, as mulheres lésbicas não sofrem apenas da invisibilidade de suas pautas; também elas são alvo de preconceito e violências. A lesbofobia é considerada uma violência direcionada a mulheres lésbicas, sendo uma junção de misoginia, sexismo e homofobia. É um fenômeno complexo que envolve fatores de classe, raça e gênero, entre outros fatores sociais, culturais, econômicos e políticos, resultantes do conceito patriarcal da heterossexualidade enquanto única forma possível de orientação sexual da mulher (Lorenzo, 2012).

Além dos problemas já relatados, questões relacionadas ao preconceito lesbofóbico poderiam ocasionar: (1) abuso de substâncias lícitas e ilícitas pela sobrecarga psíquica; (2) falta de percepção do risco de contrair infecções sexualmente transmissíveis (IST) aliada à ausência de tecnologias de prevenção; (3) problemas de ordem afetiva relativos às vivências ultra românticas dos relacionamentos; (4) distúrbio da imagem corporal e alimentares e, por fim; (5) dificuldade de acesso aos serviços ginecológicos que se deve à negação das necessidades de cuidado por parte dos profissionais de saúde (Carvalho, Calderaro & Sousa, 2013; Facchini & Barbosa, 2006).

Os estudos de gênero pós-coloniais e transfeministas partem do pressuposto da existência histórica de um regime que cria a diferença sexual, sendo ela de ordem binária e natural/biológica, que regula a performatividade do gênero em um padrão único, sendo ele cisgênero e heterossexual. O regime diferencia homens e mulheres como seres definidos anatomicamente, tanto diferentes quanto complementares, por sua potência reprodutiva. Tais figuras binárias e normalizadas (Foucault, 1984), ao nascerem, são lançadas automaticamente à expectativa futura da paternidade e maternidade nas instituições familiar, colonial, burguesa e de sexo-gênero. Em resumo, a ordem patriarcal e colonizadora, instituiu, por atos de lei, saberes e práticas disciplinares, a realidade de que no mundo existem naturalmente homens e mulheres, sendo eles feitos para formação de família e procriação. Nesta ordem, a

heterossexualidade e a homossexualidade são lidas, respectivamente, enquanto normal e patológica, o que relega os seres homossexuais e/ou de identidade de gênero fora dos padrões binários homem-mulher à história dos seres abjetos, não formadores de família nem reprodutivos. Monstros, como diz Paul Preciado (2002).

A perspectiva naturalizante do regime da diferença sexual é de ordem pré-discursiva. Pareia a percepção visual dos órgãos reprodutivos (pênis/vagina) com a ideia de serem órgãos sexuais e que tem por base o conceito da inferioridade feminina. Eles se tornam significantes pré-discursivos e transformam o corpo inteiro em uma coisa, sem a necessidade de defini-la enquanto coisa (Butler, 2010). Compulsoriamente produzida, a sexualidade é reiterada por rituais de gênero cotidianos, como no exemplo do “chá de revelação”, estabelecendo o sexo como uma performance do gênero. A feminilidade compulsória, sendo inscrita com signos de doçura, cuidado, delicadeza, os quais são relegados aos indivíduos com vagina; e a força, virilidade, garra, perspicácia, são signos compulsoriamente determinados aos indivíduos nascidos com pênis. O gênero, imposto enquanto regra, passa então por regulações operadas por processos de exclusão, estigmatização e normatização em prol de tal padrão, norma, cisgênero e heterossexual.

Jaqueline de Jesus e Icaro Gaspodini (2020) trazem uma leitura histórica de três conceitos sobre a sexualidade que falam sobre as disputas epistêmico-políticas em torno deste saber ao longo dos últimos séculos. O primeiro conceito é o Modelo do Sexo Único, que vigora até o início do século XIX e entende o sexo feminino como uma forma defeituosa ou incompleta do masculino. O segundo é o Modelo do Dimorfismo Sexual, presente entre o final do século XVIII e século XIX, que justifica a incapacidade feminina em realizar certas tarefas pela diferença natural do sexo masculino. Só após o século XX, construído pelo questionamento das construções culturais do conceito de sexo, que surge o Modelo da Diversidade Sexual. Este modelo, diferente dos outros, questiona as bases da estrutura de normalidade e apoia-se em estudos feitos por estudiosas/os que fazem parte de movimentos sociais.

O objetivo deste ensaio é refletir sobre a construção de subjetividade de mulheres cisgênero lésbicas e bissexuais (LB) na sociedade patriarcal cis-heteronormativa, a partir da própria narrativa de si. Tem como objetivos específicos discutir as construções sociais e impactos acerca da sexualidade presentes neste cenário; revelar os conflitos subjetivos inerentes ao processo de autopercepção e autorrevelação da sexualidade e; provocar reflexões acerca das problemáticas sociais vivenciadas pela comunidade LB, advindas da invisibilidade social de suas pautas. A proposta é poder refletir sobre um processo de afirmação desejante e transformação subjetiva a partir da narrativa da experiência de uma mulher que não vive numa grande capital, como São Paulo, Rio de Janeiro, Paris ou Barcelona, mas sim numa borda geográfica, ou melhor, no centro do cerrado brasileiro, na cidade de Goiânia.

Goiás é um estado eminentemente agropastoril, um dos celeiros do agronegócio, e que tem uma cultura bastante conservadora, semelhante ao coronelismo, isto é, o patriarcalismo. Nesse sentido, os processos de afirmação da própria singularidade e das diferenças sofrem maior coerção social, caso comparemos com os grandes centros dos países ocidentais. Inclusive, a primeira manifestação do dia do Orgulho Gay em Goiânia, longe de ser multitudinária, contou com “9 gays, 20 policiais e a imprensa local” (BRAZ & MELLO, 2012, p. 40).

Dessa forma, o texto não parte apenas do lugar de uma minoria social de sexo-gênero, mas também de uma minoria social no que se refere à questão geográfica, na dicotomia grandes centros/periferias. Nos grandes centros, como nos Estados Unidos, Esther Newton (citada por Henning, 2015) afirma que existe muita segregação etária, de classe, de gênero e de raça nas teorias produzidas, onde o estudo da História é ofuscado pela ideia individualista de serem indivíduos únicos, criadores de sua própria história. Tal segregação teórica e geográfica cria um campo onde se acredita que a maneira que fazem, é a maneira que deve ser, enquanto se perde a possibilidade de aprender com o que é feito em outras localidades, com as minorias sociais, na tentativa de superar as coisas.

Portanto, escolheu-se trilhar na mesma direção de autoras sáficas como Esther Newton, Cassandra Rios e Audre Lorde, dentre tantas outras autoras que constroem narrativas de cunho autobiográfico no âmbito das teorias de gênero, sexualidade e feminismo. O texto a seguir tenta desvelar um pouco do mundo escondido pelo capitalismo, pelo patriarcado, pelos racismos, o qual abriga diversas vulnerabilidades e ao mesmo tempo, a força das sujeitas sapatonas e bissexuais.

Esther Newton, ao realizar uma espécie de autoarqueologia reflexiva, consegue o importante feito de contribuir valorosamente para a consolidação, o reconhecimento e a sedimentação dos conhecimentos queer de seu período (Henning, 2015). Cassandra Rios, que escreve biografias em forma de narrativas sáficas, tem o mérito de ter levantado questões sobre sexualidade, numa época em que essas discussões eram praticamente inexistentes na mídia e literatura, e desvelar indivíduos atormentados pelo sentimento de culpa, de não pertencimento e inadequação (Silva, 2018). E Audre Lorde, com toda sua poética biomitográfica, possui a potencialidade de ensinar sobre amor, acolhimento e compreensão a partir de memórias que quebram o silenciamento e a vergonha imputada em nome da ordem. Nesse sentido, reafirma-se a importância do formato autobiográfico para a construção da memória lésbica e sáfica (Lorde, 2021), que tem uma relação direta com uma cartografia de si.

Cartografia sentimental: um retalho metodológico

Este texto é construído enquanto uma autobiografia e, como tal, evoca memórias de um passado remoto, da avó costureira que tece as colchas da família com retalhos. Nesse sentido, é exercitada uma cartografia sentimental (Rolnik, 2016) sob olhar autobiográfico de um corpo autoidentificado como mulher lésbica. Assim é feito o resgate biográfico da autora, como retalhos de memória costurada, transformando o terreno dos diagramas de forças (Deleuze, 2014) em linhas de costura transpassadas, atravessadas, com intenção de moldar cenários sociais como uma colcha de cama.

Compor uma cartografia sentimental autobiográfica enquanto método de escrita acadêmica se refere a destrinchar o terreno do sensível, da subjetividade, do

movimento, para colocá-lo em texto. Não se trata de descrever imagens conscientes e visíveis ou desenhar mapas estáticos. De acordo com Rolnik (2016), a cartografia “é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2016, p. 23). Se relaciona mais com a proposta de mergulhar nas subjetividades e dar sentido a elas, perceber os fluxos que falam sobre formas de vida, maneiras de sentir, amar, perceber, sonhar, habitar, fruir etc. (Pelbart, 2000). Busca-se com a cartografia, acompanhar os processos (Passos; Kastrup, & Escóssia, 2009), seguir as linhas do desejo e as configurações de forças.

Nesse processo, é preciso o esforço de acionar “uma potência específica do sensível” (ROLNIK, 2016, p. 12) de origem subcortical, uma espécie de integração um tanto desconhecida do corpo com o mundo vibrátil, dos fluxos desejanter. Acionar esta potência tão pouco utilizada pelas pesquisas acadêmicas para compor com as habilidades humanas de apreender o mundo e representá-lo é o que Suely Rolnik (2016) descreve como a constituição da dimensão micropolítica do texto, sua natureza cartográfica.

Compreender a subjetividade envolve um olhar para as relações de força e fluxos que se fazem em movimento. Tais forças estão em constante modulação pois são materializações particulares do registro social, mimese individual dos movimentos criados dentro de instituições sociais como família e escola. Os fluxos de movimento são assumidos, mimetizados pelo indivíduo em um sistema complexo e heterogêneo que oscila em dois extremos. O primeiro diz da relação do sujeito fabricado no registro social por opressão e alienação, “na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe” (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p. 33), e o segundo, que se refere às potências de expressão e criação, capazes de produzir processos de singularização quando o sujeito se reapropria dos componentes da subjetividade (Guattari & Rolnik, 1986). É o movimento de subjetivação, instituinte e criador em relação às forças instituídas sociais (Hur, 2018).

Assim, a proposta aqui apresentada alia os conhecimentos metodológicos que se adentram no campo da subjetividade oferecidos pela metodologia da cartografia

sentimental, com a perspectiva oferecida por alguns teóricos da psicologia crítica e da esquizoanálise, o que pretende expandir as barreiras da subjetividade, que no senso comum é apreendida apenas no âmbito individual, e coletivizar o processo de subjetivação, dando um sentido concreto e social à ordem das iniquidades em saúde, das angústias, das impossibilidades de ser e estar, das opressões produzidas pelo sistema patriarcal, capitalista, colonizador, violento e repleto de preconceitos, em que vivemos.

A narrativa a seguir é composta por recortes de memória com alguns toques lúdicos da autora deste ensaio, que pretende mergulhar no caótico terreno da descoberta e fruição da sexualidade de um corpo socializado como mulher. Caos que é produzido pelos brutos cortes promovidos pelo discurso da normatividade, fonte maior de interrupção da livre circulação dos desejos. Lembranças de vários períodos de vida fazem parte da construção da narrativa, retalhos espaço-temporais selecionados através de seu potencial de afecção, por uma cartografia das intensidades (Hur, 2021) e costurados por linhas lúdicas, que pretendem dar sentido contínuo a momentos diversos acontecidos, tanto na adolescência quanto na vida adulta.

Devemos também ressaltar alguns cuidados na escrita. Partimos de uma linha de vida autobiográfica para pensar nos estigmas sociais que produzem a invisibilidade de pautas de toda uma categoria de mulheres que gozam com outras mulheres. Estigmas estes produzidos por uma ordem patriarcal extremamente misógina, autoritária e sexista, que aniquila a subjetividade de mulheres por anulação (Goffman, 1963; Brasil, 2010; Halberstam, 2008; CFP, 2019).

Como análise da implicação (Lourau, 1975; Hur, 2024), afirmando a localização dos saberes aqui construídos (Haraway, 2009), é fundamental ressaltar que me identifico como uma mulher cisgênero, branca e de classe média, particularidades que forjaram meu jeito de ser e me colocam em um local de privilégio social que livra o meu corpo de violências interseccionais como raça/etnia e vulnerabilidades de classe, que potencialmente aprofundam as violências lesbofóbicas. O coautor do texto contribuiu na análise e teorização acerca de minha experiência vivida, ocupando o lugar de

intercessor (Deleuze, 1997) de pesquisa cis e heterossexual, professor da Universidade, pertencente a uma classe média alta.

Nesse contexto, me proponho a essa tarefa ousada de partir do campo da experiência individual e seguir em direção ao campo social, ampliando o olhar para grupos sociais e políticos com outros marcadores sociais da diferença, como a população LB negra, periférica, gorda, desfem (lésbicas masculinizadas), entre outras. Deste modo, incluiremos em nossa narrativa outros corpos lésbicos e/ou bissexuais para compor o cenário de pluralidade próprio da comunidade LGBTQIA+.

Costurando o afeto: autobiografia sentimental

Uma das primeiras memórias que envolvem a vivência da minha sexualidade lésbica remonta à adolescência, quando uma amiga heterossexual e eu conversávamos sobre o futuro. Uma angústia tomava conta de mim ao imaginar como seria a vida caso eu realmente gostasse de mulheres. Eu, tendo um pai que acreditava em um futuro melhor por intermédio do mérito, uma mãe dona de casa, católica fervorosa e um irmão mais velho, me via sem saída. Existia o desconforto próprio da impossibilidade de o afeto fluir, passar, transformar-se em linha de vida criativa e encantada por uma noção proibicionista incutida em mim.

Aquilo que brilhava enquanto uma nova descoberta, afetos tantos e tão plurais com outras mulheres, desterritorialização das possibilidades de viver o desejo até então aprendidas, aquela sensação de liberdade, ali naquele momento, estava travada por um fluxo maior e disciplinador, cuja orientação dizia sobre sua interdição. Era proibido a mim viver o desejo. Estava aprisionada pelo diagrama patriarcal, da soberania, mas também pela heteronormatividade, isto é, pelo diagrama disciplinar (Foucault, 1984; Hur, 2018). Alcançar o êxito da conquista de outro corpo com vagina e seios em prol do prazer não seria meu mérito, mas sim minha condenação. Linhas de força generalizadas geravam sentido de pecado, ilegalidade, nojo, falta de educação, anormalidade, desvio, todo um caos perfeitamente possível caso houvesse a materialização da lesbianidade. Em casa, na escola, no convívio social, na igreja, na televisão etc., em quase todo agente

social e coletivo (Foucault, 1985) que circulava ao redor e gerava sentido de malogro. Entretanto, ainda assim, o afeto estava ali em sua glória máxima, uma potência pulsando na direção de qualquer efetivação.

A amiga cis-heterossexual-acolhedora sugere: arruma uma namorada e um namorado, aí você mostra para os seus pais só seu namorado. E por mais que a sugestão vibrasse meu corpo em direção à explosão, em controvérsia também era uma saída, uma fuga: o fingimento. Mas nem tudo estava perdido. Era possível mentir publicamente (apresentar a “amiga”) e concretizar o afeto existindo em refúgios, locais seguros. Surgia ali uma espécie de devir-mulher-proibida-que-finge. Veste uma carcaça de delicadeza própria da moral cristã e segue sua vida de privilégios brancos e de classe-média, acessando o estudo, a aceitação social e familiar e, de quebra, tendo fingido ser a mulher-perfeita nos territórios da moral cristã, ganhando a liberdade de escolha de seu lazer.

Eve Kosofsky Sedgwick (2007), em seu famoso texto sobre a epistemologia do armário, escreve sobre a dicotomia existente na ideologia da diferença sexual e seus efeitos de exclusão materializados no famoso “dentro do armário”, ou “sair do armário”, efeito este descrito (e sentido) pela autora do texto e que se relaciona ao anúncio público (ou não) da própria sexualidade. Para Sedgwick, as pessoas gays precisam fazer todo um malabarismo nos diversos cenários sociais para não serem descobertas e isso percorre todos os espaços da vida individual e coletiva, sendo uma prática social tão proeminente que marca a história do ocidente como um todo. Os vetores de exposição do armário são ao mesmo tempo compulsórios e proibidos, ou seja, tanto o caminho de guardar o segredo da sexualidade quanto revelá-la publicamente podem gerar inúmeros problemas, o que tortura e oprime as pessoas.

Ao elaborar mais o tema, Eve aponta que existem muitas contradições sobre o dentro e o fora do armário, sendo elas ligadas à cultura da privacidade construída em meados do século XIX, à medida em que a cultura centrada no indivíduo foi se solidificando. Os segredos, ao longo do tempo, foram sendo canalizados para os segredos do sexo e da sexualidade, e a sexualidade se formou então enquanto um

segredo a ser guardado e estudado. A criação desse pensamento nasce nas raízes da modernidade com as formas modernas de conhecimento, ligadas ao sexo interditado e a sexualidade interditada. Desde o pecado da sodomia - que não deveria sequer ser nomeado - as oposições, entre conhecimento e ignorância, inocência e iniciação, segredo e revelação foram progressivamente se condensando no campo da sexualidade homossexual, o que tende a criar devires contraditórios, como o da mulher-proibida-que-finge, produtores de conflito interno, angústia e, notoriamente, a produção de um sofrimento psicopolítico e uma precarização da saúde mental. Contudo, a constituição desse devir-camaleão (Bichueti, 1999) é o que possibilitou à nossa protagonista a coexistência nessa dobra de instituições.

A proposta da amiga cis-heterossexual-acolhedora abriu um novo sendeiro para outras fruições afetivas. No senso comum, os afetos são muitas vezes compreendidos e vivenciados como algo interno pelo indivíduo, vindos de dentro, como uma pureza essencial da verdade da pessoa que vai sendo revelada com o tempo. Entretanto, Suely Rolnik (2016) explica que os afetos falam muito mais das linhas desejantes do indivíduo que, invisíveis, se materializam em certas máscaras. Simulações feitas por intensidade, linguagem e sentido. Movimento e forças que além de levar os corpos a outros graus de potência, instauram uma ressonância, um bloco, que fazem com que os afetos sejam vividos não apenas no plano individual, mas também coletivo (Hur, 2022). O afeto produz uma dimensão do entre, um agenciamento relacional no qual sua fruição instaura zonas de passagem para outras possibilidades de existência.

As máscaras tecidas pelo caminho: a mulher-neutra-que-finge e outras territorializações do devir-lésbico

A partir daqui a personagem ganha vida própria e, por isso, irei tratá-la na terceira pessoa: a mulher-que-finge. Ela veste a roupa da atriz capaz de esconder seu desejo, bloqueá-lo por tempo indeterminado, aguardando o momento que ele realmente possa fluir. Entretanto, os olhos da mulher-que-finge contam seu segredo. São olhos descritos como os de Capitu, personagem de famosa obra literária, cigana

oblíqua e dissimulada. Assim é como os outros a leem, olhando-a sem entendê-la. Mas o feitiço se vira contra a feiticeira. Por dentro e acatando em partes o que os outros falam sobre ela, ela também passa a não se entender. O fluxo desejante reprimido é grande e, bloqueado pela estratégia do fingimento, se acumula apenas no olhar. O olhar da mulher-que-finge expressa um paradoxo, é triste, desejante e esperançoso. Quando as intensidades acham definição por certas matérias de expressão (as máscaras), elas se encantam em movimentos chamados de territorialização do desejo. Ao perderem força de sentido e encantamento, fala-se dos movimentos de desterritorialização, caracterizado enquanto uma diminuição do estado de graça da máscara, que não produzindo o efeito desejado, tende a se modificar, desterritorializar (Rolnik, 2016).

Suas atitudes passam a ser inseguras com o tempo. A mulher-que-finge vive tanto na esperança de ser livre após cumprir suas obrigações de perfeição cristã, que se perde no protocolo da moral. Seu corpo cansa de tentar mimetizar movimentos sem sentido. A subserviência e os bons modos no convívio social ou a delicadeza na escolha das cores de roupas adequadas a se usar, se convertem em repúdio por serem inalcançáveis de tão sem nexos. Para ela, não há sentido nenhum na feminilidade, que se converte mais em prisão do que uma possibilidade em ser:

Sob o pretexto da feminilidade, as mulheres devem escolher uma aparência que assinale sua interiorização dos códigos estéticos pensados pelos homens, e adotar diante deles uma atitude submissa e não concorrencial quanto ao poder (MOLINIER & LANG, 2009, p. 103).

Ela não consegue o mérito da mulher-que-finge-bem, pois seu objetivo final é a autonomia desejante e nada da moral cristã se parece com autonomia. Assim, a culpa recai sobre ela mesma, obrigando-a a escolher outro local seguro: a neutralidade. Então o devir-camaleão não é vivido como transição, mas como culpa, que é mais uma maldição do sacerdote, da moral cristã (Deleuze, 1976). Ela decide prender seus cabelos longos ao meio e para baixo, usar roupas largas e sem cor, acatar pedidos enquanto deveres e agir o mínimo possível, tentando não ser descoberta pelo Outro (Sartre, 1997), que nessa altura já é qualquer outro ser humano. É possível perceber, neste ponto, que a postura de submissão se acentua em seu ser. Para conseguir o êxito de resguardar seu segredo, seu lado pulsante, vibracional, intenso, ela se submete à postura submissa,

passiva, não conflitante, despotencializando-se, apagando sua potência vibracional de vida. Constitui-se assim uma configuração paradoxal de vibração intensiva, mas também de necessidade de contenção dos fluxos desejantes.

A mulher-que-finge sofre os estigmas da lesbofobia, do patriarcalismo, da heteronormatividade. As regras rígidas da heterossexualidade/feminilidade se tornam agentes de embotamento afetivo para nossa personagem, que fica mais retraída, isolada e com dificuldade de expressar seus sentimentos. Mesmo sendo uma usina intensiva, ela cria para si própria um claustro, uma espécie de máquina celibatária (Hur, 2022), que diminui seu potencial de afecções. Sendo tão neutra socialmente, ela corre o risco de se tornar praticamente invisível. É facilmente esquecida pois não faz barulho. A mulher-que-finge se torna, também, a mulher-neutra.

A mulher-neutra-que-finge, embotada e anulada, já não consegue corresponder às expectativas de exemplaridade impostas nos diferentes territórios de sua vida, como os estudos e as missas católicas. Além disso, o convívio social com grupos de mulheres heterossexuais exemplo-de-feminilidade se torna insuportáveis. Porém, ainda assim, ela finge com o propósito da autonomia, crê no futuro como uma abertura, território de ousadia e coragem que ainda seria construído. O fato dela conhecer outras mulheres-que-fingem em seus pequenos ciclos estudantis dá indícios que seu caminho de desterritorialização pela via do prazer e afirmação de si tem fundamento. O fingimento, ao invés de ser algo apenas limitante, é também uma travessia para um novo lugar.

Passa pelas confabulações da mulher-neutra-que-finge, que a possibilidade de seu desejo vingar está nos redutos subterrâneos da cidade, numa verdadeira desterritorialização geográfica. Tais locais, redutos supostamente sub-humanos (Gimeno, 2003), habitados por sub-mulheres: bares lésbicos como o Bar da Help em Goiânia, que é um bar que é majoritariamente frequentado por mulheres que se relacionam afetiva, erótica e sexualmente com outras mulheres (Braz, 2014). Os bares e boates das sapatonas/pessoas alternativas, casas marcadas pelos vizinhos enquanto erradas, mal-vistas, de más companhias. O ódio social destinado a tais locais é

intensificado pela marca de serem locais destinados a mulheres lésbicas e bissexuais (Halberstam, 2008).

Educada dentro das mais rígidas normas heterossexuais, uma sensação incômoda e ao mesmo tempo empolgante atravessa o seu corpo ao sair do seu território instituído e sentar-se no bar. Sair da norma e transitar no desvio, viver o que lhe era interdito e considerado transgressivo. Conversar com outras mulheres lésbicas e bissexuais, dividir bebida e histórias, transforma fundamentalmente a mulher-neutra-que-finge, já que agora ela não finge por completo. Algo começa a pulsar dentro dela, uma chama já conhecida e ao mesmo tempo, totalmente nova. A espacialidade, outras cartografias, afeta os modos de subjetivação. É um novo platô, uma espécie de dobra, seu período de sair do armário, entrar em nova zona vibracional, que envolve processos de deixar fluir seus investimentos desejantes, assumir sua própria orientação sexual e revelá-la aos outros. O período de sair do armário é desafiador, uma vez que há um temor de rejeição por parte da sociedade e da família (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2018). Sair do claustro familiar, caminhar e ocupar outros lugares da cidade, pode ser como Paul Preciado (2018) afirma, uma verdadeira clínica-política, espaços transicionais de subjetivação e transformação. Não só ocupar outros espaços territoriais, mas também produzir e habitar uma outra si própria.

Entretanto, fica mais fácil sair do armário de dentro do bar, onde o ângulo é de quem vive sob vivências transversais em comum. A pluralidade dos corpos recheia o local, criando uma espécie de ambiente “protegido”. A diversidade de mulheres, de histórias de vida, proporciona uma visão amplificada das possibilidades múltiplas e interseccionais de ser mulher diversa sexualmente e/ou ter identidade de gênero plural. Ao mesmo tempo que percebe toda a potência e liberdade em assumir seu desejo, naquele momento ela também tem contato com o duro governo heteronormativo sobre os corpos, o preconceito escancarado, a brutalidade da violência física que chega, não apenas a seu corpo, mas ao corpo de suas parceiras de diversidade. Lésbicas com subempregos, sendo expostas cotidianamente a humilhações, histórias de suicídio, brigas familiares, etc, compondo uma complexa rede de relações atreladas necessariamente ao local de origem de cada corpo lésbico ou bissexual ali presente.

Ressaltamos que há uma problemática de classe social que não deve ser ignorada nos movimentos e debates da diversidade sexual.

A mulher-neutra-que-finge sente que de um lado, pelos olhos da cidade, as sapatonas sentadas dando risada com seus copos de cerveja na mão escancaram toda a inadequação em ser mulher, cada uma com seu “erro próprio”, que aumenta ou diminui sua aceitabilidade social, mas de um modo geral (alinhadas, normatizadas), são anômalas, impróprias para o casamento e que devem ser tuteladas, corrigidas, guiadas (Butler, 2010). De outro lado, visto de dentro, o bar se torna um espaço de criação de potência, são locais de desabafo, interação social, construção de saúde mental pelo acolhimento e pela resistência coletiva. Uma zona autônoma coletiva, temporária ou não.

Sentada e neutra, nossa personagem percebe com atenção as outras mesas. Ouve a sapatão-caminhoneira (mulher lésbica masculinizada) contar às amigas do recente despejo que viveu pelo fato dos vizinhos não gostarem de seus hábitos de vida. Diz ela que fuma e leva as amigas e namoradas para casa, o que revolta a sociedade. Para ela, mulher negra de sorriso farto, são os vizinhos que não sabem viver a vida. Enquanto diz, bebe seu gole de cerveja. Ao seu lado, uma outra possível mulher-neutra-que-finge, de cabelos lisos, batom e salto, ri, constrangida. Parecem ser amantes pelo nível de envolvimento afetivo.

São duas realidades completamente diferentes que se unem pelo desejo sáfico, porém ainda assim, são vidas díspares, mais ou menos produtoras de adoecimentos mentais. Como afirma Ignacio Martín-Baró (2017), a produção de saúde ou transtornos mentais é parte e consequência das reações sociais travadas pelo sujeito em seus mais diversos âmbitos. Guerra, catástrofes naturais, crises socioeconômicas, etc., são eventos que causam efeitos profundos de sofrimento e desumanização. Na realidade aqui colocada, a lesbofobia e o racismo étnico-racial podem ser comparados a tais eventos catastróficos, pois igualmente produzem irracionalidade, desumanização, situações de humilhação e sofrimento psicossocial.

Em outra mesa, quatro sapatonas também caminhoneiras conversam resabiadas. Parecem amigas de longa data. Ao lado da mesa, uma cadeira reúne quatro capacetes de moto. Em cima da mesa, duas carteiras de cigarro e quatro copos da cerveja mais barata. Não é possível ouvir o que dizem, porém parece ser algo sério levando em consideração seus semblantes. Uma delas se percebe vista e fecha ainda mais suas sobrancelhas. Não gosta de ser observada, muito menos por nossa personagem que finge bons costumes. A mulher-neutra-que-finge imediatamente desvia o olhar. Também não gosta de ser vista. São todas elas, parte resistente das normas produzidas pelas tecnologias rígidas de produção da identidade, sendo então monstruosas, em sua diferença, em sua potência e nas afecções que causa em nossa protagonista.

Nesse sistema de reconhecimento, qualquer divergência corporal da norma (como tamanho e forma dos órgãos sexuais, pilosidade facial e forma e tamanho dos seios) é considerada monstruosidade, uma violação das leis da natureza ou uma perversão, uma violação das leis morais. Da mesma forma que a diferença sexual é elevada a uma categoria não apenas natural, mas também transcendental, as diferenças entre homossexualidade e heterossexualidade aparecem como anatômicas e psicológicas, e o mesmo acontece com o sadismo, o masoquismo e a pedofilia; entre normalidade e perversão. Aquelas que até então eram consideradas como simples práticas sexuais se transformaram em identidades e condições que devem ser estudadas, registradas, perseguidas e caçadas, castigadas e curadas (PRECIADO, 2018, p. 82).

Na mesa de nossa personagem há mais duas amigas, uma bissexual e outra lésbica. Elas conversam sobre as próprias histórias de saída do armário. Para a amiga lésbica, sair do armário foi uma questão óbvia, que iria acontecer de uma forma ou de outra. Tomou coragem, contou e por isso foi expulsa de casa. Hoje vive com sua namorada não por desejo próprio, mas por necessidade. A amiga bissexual ouve e ao mesmo tempo, cria sua própria coragem para sair do armário. Sua história se parece com a história de nossa personagem. Ambas são mulheres-neutras-que-fingem e que tomam coragem de lutar por si mesmas.

Nesse sentido, o bar, a cidade, compartilhar o espaço com uma comunidade de corpos dissidentes, que se afirmam, que lutam, ou às vezes se envergonham, faz com que a mulher-neutra-que-finge seja afetada por um outro campo de forças. Dessa

forma, ela atualiza outras linhas desejantes, com angulações diferentes das que traça no espaço familiar, nas instituições tradicionais, como a Igreja, deslocando-se de uma subjetividade disciplinar a outros modos de subjetivação. Abre-se um novo horizonte, potencial para outros agenciamentos, em que se pode abandonar as normas instituídas em prol da criação de uma vida instituinte. O posicionamento neutro passa a ser deixado de lado, o fingimento também, por mais que a própria afirmação também implique em produção de tensão e conflitos consigo e com outros.

A percepção daquele pequeno todo, das mulheres agrupadas no bar, convivendo entre si nos territórios marginais onde a segurança pública é precária ou não chega, mas também onde cria-se um campo de segurança simbólica e emocional, é capaz de afetar profundamente nossa personagem. Enquanto une teoricamente os conceitos de classe social, racismo, gênero e sexualidade obtidos na Universidade Pública, com a experiência diante de si, percebe que o bar representa uma parte do universo lésbico em toda sua vulnerabilidade social.

Para Butler (2010) os corpos inseridos na sociedade são diferentemente expostos à violência, à precarização e ao apagamento justamente em função das normas que organizam sua inteligibilidade social. A vulnerabilidade constitui, então, uma condição relacional e politicamente produzida dos corpos, resultante de normas de gênero que regulam quais vidas são reconhecidas como dignas de proteção, cuidado e luto.

No campo das políticas públicas, o conceito de vulnerabilidade relacionado na Política Nacional de Assistência Social (PNAS), denota também as fragilidades de vínculos afetivo-relacionais e desigualdade de acesso a bens e serviços públicos, além da determinação estritamente condicionada à ausência ou a precariedade no acesso a renda. O termo surge na expansão dos paradigmas estritamente biológicos para a caracterização do processo saúde-doença (Carmo & Guizardi, 2018).

Assim, aquelas mulheres sentadas em suas mesas, as quais a mulher-camaleoa, acostumada a olhar de fora, aprendeu a observar, agora são percebidas enquanto outra categoria. A categoria de sujeitas políticas sapatonas, atravessadas pelos racismos, pelo

patriarcado e pelo capitalismo. Que transbordam em suas atitudes e olhares o sofrimento social pela sua vulnerabilidade, mas que também criam espaços de luta e confraternização, onde aquela mesma vulnerabilidade consegue acontecer livremente.

Construiu-se aí, diante dos olhos e percepções de nossa personagem, um rizoma no submundo, invisível aos olhos menos atentos. O devir-fungi: com suas ramificações independentes ao mesmo tempo que conectadas internamente. O continuum lésbico de Adrienne Rich (2010). Em repetição até mesmo com o conceito do próprio devir em seu modo de expansão, propagação, ocupação, contágio, povoamento, sempre em forma múltipla, de legião, de modos diferentes de ser o mesmo. Como fungos, numa proliferação dramática inventiva (Barembritt; Amorim & Hur, 2020).

A mulher-devir, antes mulher-camaleoa, antes devir-mulher-que-finge, agora quer se juntar a todas aquelas mulheres lésbicas do bar. Colocar-se em contato com as indignadas, com as confusas, com as certas, as tristes, as agudas, as alegres, no caminho da desterritorialização de seus bloqueios, cada vez com mais potência da afirmação de si, apesar das barreiras históricas e sociais contrárias à consciência crítica e à coletividade. Produzir um comum e uma comunidade com elas, outro mundo possível. Mas não há um final da história aqui, pois essa produção de vida e afirmação sempre é uma experimentação e construção.

Conclusão: a colcha pronta para que outras possam ser costuradas

O presente trabalho buscou, a partir de dados teóricos e autobiográficos, adensar discussões acerca das construções sociais, conflitos individuais e coletivos, bem como provocar reflexões, sobre a realidade de mulheres lésbicas e bissexuais brasileiras, mais especificamente, goianas. Pela ótica diagramática da cartografia sentimental, buscamos revelar parte da trajetória de transformações subjetivas ocorridas ao longo da vida de uma mulher hoje autodeclarada sapatão, desde o processo de autopercepção e autorrevelação da sexualidade, indo em direção à construção de uma identidade política emancipadora.

Buscamos incluir leituras críticas sobre a condição de invisibilidade da mulher lésbica e sáfica e os impactos de tal condição na saúde mental dessas mulheres, abarcando variados fatores de risco e vulnerabilidade social. A leitura histórica da formação binária de base cis-heteronormativa, patriarcal e colonizadora, percorreu a definição de conceitos como o regime da diferença sexual, da heterossexualidade compulsória, o próprio conceito de sexualidade em suas diferentes leituras ao longo do tempo, assim como de lesbofobia e continuum lésbico.

O texto autobiográfico foi construído a partir de retalhos de memória selecionados a partir do seu potencial de afetação, por uma cartografia sentimental das intensidades (Rolnik, 2016; Hur, 2021), sendo costurados por uma linha lúdica que pretendeu dar sentido contínuo à narrativa. Foram alinhavadas memórias individuais de um corpo lésbico com componentes teóricos feministas e uma problematização social e de saúde coletiva. A colcha que surge daí se relaciona a construção da subjetividade em meio à normalização de um sistema patriarcal colonizador de um lado, e a linhas de escape do desejo em locais de possível permeio, como nos bares frequentados por mulheres que se identificam como sapatão, e na própria teoria feminista. Nesse entremeio, foi possível perceber os desdobramentos das inúmeras violências provindas da sociedade normativa enquanto produtores de vulnerabilidade para nossa personagem e para as demais personagens que compõem as cenas autobiografadas.

Quando a narrativa se concentra no bar lésbico e as cenas descritas expandem a percepção subjetiva da personagem e desembocam em seu entorno, nas outras mulheres diversas, outro nível de percepções é alcançado. Aparecem experiências diferentes, com seus atravessamentos próprios e, em consequência, maior ou menor vulnerabilidade social. Os bares funcionam como uma espécie de zona autônoma temporária, como locais de vivência afetiva e vazão do desejo reprimido, que possibilitam uma ressingularização de nossa mulher-neutra-que finge.

A violência física, não explicitamente vivenciada pela personagem, aparece enquanto experiência viva para as outras mulheres citadas, como exemplo do despejo narrado pela sapatão caminhoneira expulsa de casa. O atravessamento da raça, o

racismo, se transforma em fator que motiva a violência praticada e vulnerabiliza suas vivências. Nogueira (2021) afirma que a experiência de dor e violência perpetrada contra mulheres lésbicas negras é geralmente tratada com desconfiança pela sociedade, tendo elas pouca sensação de solidariedade, sororidade e atitude de empatia por parte de outras mulheres.

Assim como já abordado, essa complexidade é explicada pelas perniciosas e letais estruturas interrelacionadas do sexismo, do racismo, da homofobia, da heteronormatividade, do machismo, do patriarcado e do classismo, bem como as interseccionalidades às quais lésbicas estão sujeitas. Para nossa personagem, no próprio movimento de ida a outras subjetivações, há o aparecimento de um novo modo de funcionamento, mais político e libertador. Os conflitos relacionados a saída do armário, ao apaziguamento do devir mulher-que-finge para o surgimento de outra identidade mais intensiva, são colocados em movimento. O armário enquanto dispositivo regulador da vida das pessoas homossexuais ao longo do século XX produz uma série de contradições binárias sobre público e privado, conhecimento e desconhecimento, dentre outras, produzindo sofrimentos como a agonia dilacerante entre o “contar” e “não-contar”, que marca a subjetividade de uma geração de pessoas (Sedgwick, 2007). Entretanto, na zona do bar, a Epistemologia do Armário (Sedgwick, 2007) parece não atuar enquanto dispositivo de regulação.

Vale destacar que dentro dos processos de transformação e movimento da personagem, a teoria funciona como uma produção de enunciação que possibilita um processo de revisão de conduta, induzindo a personagem a repensar formas de vida e a cria-la com mais autonomia. Dando vazão a essas linhas de fuga, pode-se resultar em práticas e políticas de libertação do desejo e construção da potencialização de si, e consequentemente de saúde mental. Um processo que parece ser um outro caminho rizomático aberto, que inclui necessariamente refletir sobre os posicionamentos político-sexuais que as pessoas assumem diante às normas instituídas diretamente ligadas à interdição e gestão do desejo.

Referências

- BAREMBLITT, Gregorio; AMORIM, Margarete; HUR, Domenico. **Esquizodrama: teoria, métodos, técnicas - clínicas**. Belo Horizonte: Ed. Instituto Gregório Baremblytt, 2020.
- BICHUETTI, Jorge. **Lembranças da loucura**. Belo Horizonte: Ed. Instituto Félix Guattari, 1999.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- BRAZ, Camilo. De Goiânia a 'Gayânia': notas sobre o surgimento do mercado "GLS" na capital do cerrado. **Revista Estudos Feministas**, vol. 22, n. 1, p. 277–296, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000100015>. Acesso em: 20 jan. 2024.
- BRAZ, Camilo; MELLO, Luiz. “Éramos 9 gays, 20 policiais e a imprensa local”: narrativas (de) militantes sobre as Paradas do Orgulho LGBT de Goiás. In: PASSAMANI, Guilherme. R. (Org.). **(Contra)pontos - Ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual - o combate à homofobia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, 3ª ed.
- CARMO, Michelly Eustáquia do; GUIZARDI, Francini Lube. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Caderno de Saúde Pública**, n. 34, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00101417>. Acesso em: 14 jan. 2024.
- CARVALHO, Cintia Sousa; CALDERARO, Fernanda; SOUZA, Solange Jobin e. O dispositivo "saúde de mulheres lésbicas": (in)visibilidade e direitos. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, vol. 13, n. 26, p. 111-127, 2013. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2013000100008. Acesso em: 14 jan. 2024.

CFP. **Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2019.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Rio - Sociedade Cultural, 1976.

_____. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **El poder: curso sobre Foucault**. Buenos Aires: Cactus, 2014.

FACCHINI, Regina; BARBOSA, Regina Maria. **Dossiê: saúde das mulheres lésbicas promoção da equidade e da integralidade**. Belo Horizonte: Rede Feminista de Saúde, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

GIMENO, Beatriz. **Uma aproximação política do lesbianismo: (des)construção social da sexualidade**. Tradução coletiva para o projeto Quarentena Lesbofeminista do Memória Lésbica. 2003. Disponível em:

<https://we.riseup.net/assets/649909/Uma+aproxima%C3%A7%C3%A3o+pol%C3%ADtica+ao+Lesbianismo+Beatriz+Gimeno.pdf>. Acesso em 15 de janeiro de 2024.

GOFFMAN, Erving. **Stigma: notes on the management of a spoiled identity**. New York: Simon & Schuster, 1963.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

HALBERSTAM, Jack. **Masculinidad femenina**. Trad. Javier Sáez. Barcelona-Madrid: E. Egales, 2008.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>.

Acesso em: 20 jan. 2024.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, v. 20, n. 2, p. 97–128, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n2p97>. Acesso em: 20 jan. 2024.

HUR, Domenico U. **Psicologia, política e esquizoanálise**. Campinas: Alínea, 2018.

_____. Cartografia das intensidades: pesquisa e método em esquizoanálise. **Práxis Educacional**, vol. 17, n. 46, p. 1-18, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i46.8392>. Acesso em: 14 jan. 2024.

_____. **Esquizoanálise e esquizodrama: clínica e política**. Campinas: Alínea, 2022.

_____. Diário de campo, poder e análise da implicação. In: FREITAS, F. L. C. (Org.). **Algumas intercessões epistemológicas e metodológicas entre as ciências humanas e os saberes psis**. São Luís: EDUFMA, p. 251-276, 2024.

JESUS, Jaqueline G.; GASPODINI, Icaro Bonamigo. Heterocentrismo e ciscentrismo: crenças de superioridade sobre orientação sexual, sexo e gênero. **Revista Universo Psi**. Taquara, vol. 1., n. 2, p. 33-51, 2020. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/psi/article/view/1371>. Acesso em: 18 jan. 2024.

LORDE, Audre. **Zami: uma nova grafia do meu nome - uma biomitografia**. Trad. Lubi Prates. São Paulo: Elefante, 2021.

LORENZO, Ángela Alfarache. La construcción cultural de la lesbofobia: una aproximación desde la antropología. In: MUÑOZ RUBIO, Julio (coord). **Homofobia: laberinto de la ignorancia**. 2 ed. México: UNAM; Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades; Colegio de Ciencias y Humanidades, p. 125-146, 2012.

LOURAU, René. **A análise institucional**. Petrópolis: Vozes, 1975.

- MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Crítica e libertação na psicologia: estudos psicossociais**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- MOLINIER, Pascale; WELZER-LANG, Daniel. Feminilidade, masculinidade, virilidade. In: HIRATA, Hélène et al. (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Ed. Unesp, p. 101-106, 2009.
- NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica. **Temas em Psicologia**, vol. 26, n. 3, p. 1527-1541, 2018. DOI: <https://doi.org/10.9788/TP2018.3-14Pt>. Acesso em: 18 jan. 2024.
- NOGUEIRA, Nadia Cristina. Lésbicas negras em movimento. Dossiê Feminismos e Lesbianidades em movimento: a visibilidade como lugar. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 3, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n382642>. Acesso em: 18 jan. 2024
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- PRECIADO, Paul B. **Manifiesto contra-sexual**. Madri: Opera Prima, 2002.
- _____. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: N - 1, 2018.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 5, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 17 jan. 2024.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, Ed. da UFRGS, 2016.
- SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o nada**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. In: Dossiê: sexualidades Disparatadas. **Cadernos Pagu**, n. 28, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>. Acesso em: 18 jan. 2024.

SILVA, Leonardo Alexander do Carmo. Construção e problematização da identidade lésbica na obra de Cassandra Rios. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 81–94, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/va.v0i33.139764>. Acesso em 15 de janeiro de 2024.

Luna Carulina Mendes Filgueiras é psicóloga, mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás (PPGP/UFG), com graduação em Comunicação Social (PUC-GO) e graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Possui especialização em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade (Fiocruz/RJ) e é especializanda em Educação Popular em Saúde (Fiocruz/DF). Atua como psicóloga clínica a partir da Psicologia Histórico-Cultural, com foco no atendimento à população LGBTQIA+, e desenvolve trabalho de base junto a movimentos sociais, com ênfase na construção de saúde mental coletiva, movimento lésbico e educação popular. Integra a direção estadual do Movimento das Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos (MTD-GO) e participa do movimento lésbico goiano.

E-mail: lunacarula@gmail.com

Domenico Uhng Hur é professor do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás (PPGP/UFG). Psicólogo, mestre e doutor em Psicologia Social pela USP, com estágio doutoral na Universitat Autònoma de Barcelona e pós-doutorado na Universidade de Santiago de Compostela (USC- Espanha). Bolsista de Produtividade em Pesquisa (PQ-2) do CNPq.

E-mail: domenico@ufg.br